

**Feminismos Globais
Estudos de caso comparados
de Mulheres Militantes e Intelectuais BRASIL**

Giordana Moreira

Entrevistadora: Renata Saavedra

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290 Tel:
(734) 764-9537**

**E-mail: um.gfp@umich.edu Website:
<http://www.umich.edu/~glbfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2017

Nascida no Rio de Janeiro em 1986, **Renata Saavedra** é jornalista e historiadora. Atua com pesquisa e comunicação, sobretudo com temas na área de cultura e gênero. No momento é gerente de comunicação no Fundo ELAS, um fundo de investimento social que mobiliza recursos para apoiar projetos de grupos de mulheres que fortalecem o protagonismo feminino e sua luta por direitos no Brasil. Também é doutoranda em Comunicação e Cultura na UFRJ.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos.

Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – [Labhoi](#), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento ([NUMEM](#)) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative* e *the Brazil Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

Renata Saavedra: Podemos? Bom, eu sou Renata Saavedra, estamos aqui hoje fazendo mais uma entrevista para o projeto *Global Feminisms* da Universidade de Michigan. Hoje a gente está em Duque de Caxias com a Giordana Moreira, que é do coletivo Roque Pense, um coletivo cultural feminista da Baixada Fluminense. Então, oi Giordana.

Giordana Moreira: Oi.

RS: Eu queria primeiro que você se apresentasse um pouco e contasse um pouco o que é o Roque Pense e como foi que ele surgiu.

GM: Bom, eu sou Giordana, sou produtora cultural, nascida e criada aqui na Baixada Fluminense, e o Roque Pense tem muito a ver com esse contexto nesse território da Baixada - que é na região metropolitana do Rio de Janeiro -, porque a gente tem uma tradição muito grande com movimentos culturais. Então eu nasci, vivo aqui, me formei aqui, e por conta disso desde adolescente desenvolvi uma atuação muito forte dentro de movimento cultural, com cultura urbana, rock, hip hop.... Por causa disso, no final de 2011, mais ou menos, eu fazia parte de um grupo de grafite chamado Artefeito, e era um grupo de grafite com homens e mulheres que trabalhavam a questão de gênero. A gente desenvolveu um projeto chamado "Grafiteiras pela Lei Maria da Penha", onde a gente promovia a lei contra a violência doméstica através de grafite e aí a gente desenvolveu em seguida uma campanha chamada Arte PENSE - o PENSE é uma abreviação, "Por uma Educação Não Sexista". E atuando com essa campanha, o primeiro adepto da ideia foi o Paulo Vitor que era fanzineiro, tinha um fanzine chamado *Let's Go* na época, e ele começou a estudar sobre o sexismo, a educação, a proposta de educação não sexista e propôs para mim fazermos um fanzine, logo a gente começou a trabalhar com fanzine, eu fazendo texto e ele fazendo a arte sobre educação não sexista. E aí na Baixada Fluminense a gente tem um cenário cultural muito forte e começou a trabalhar com esse fanzine, fazer oficinas e aí começou a agregar muitas pessoas em torno dessa ideia de educação não sexista, através do fanzine. Só que o rock'n'roll na Baixada é uma questão muito forte, tem um público imenso, tem uma tradição, tem toda uma história, e aí conseqüentemente eu como produtora, ele também, organizando festas, a gente decidiu fazer o Roque Pense, que era show de rock com uma pegada sobre cultura antissexista onde só tinha um critério: a banda tinha que ter uma mulher tocando. E a partir daí, o Roque Pense, o circuito que a gente começou a fazer independente na Praça do Skate em Nova Iguaçu foi agregando muitas pessoas, chegou uma galera emprestando equipamento, outro... O Paulo China, ele é VJ, e começou a fazer projeções de imagens de histórias de mulheres, bandas de Rock com mulheres, históricas, o Samura, que era DJ das festas e tal, ele propôs, "ah, vou fazer uma discotecagem só com músicas feitas com mulheres, de bandas com mulheres", e aí o Bertoni chegou e começou a implantar o *streaming*, a transmissão ao vivo e tal, e muita gente foi agregando em torno dessa ideia. Apesar de serem bastante homens que tinham atuação com cultura, eles se interessaram em promover aquela ideia ali, e as mulheres também, tocando, participando, e tal. Isso agregou muitas pessoas, então foi uma ideia que conquistou o pessoal logo de início, apesar de ser um território pouco provável, assim, porque show de rock você só vai ver homens tocando, sempre são homens protagonistas na cultura urbana. No skate, no grafite, no hip hop, no rock, se tem uma produção, pode ter trinta mulheres trabalhando,

sempre tem um homem que está de frente ali, protagonista. Mas apesar disso tudo o Roque Pense conquistou com essa ideia de discutir gênero com homens e mulheres a partir do rock, do fanzine. A gente criou também a Roque Pense radio web, que é um programa de rádio só que com imagem, uma TV web onde a gente abriu um espaço mais para debate, e show ao vivo também, e aí agregou muita gente e isso virou um movimento muito grande, foi aí então que a gente decidiu elaborar uma proposta de um festival que hoje está na terceira edição.

RS: Além de você, quem mais integra, porque vocês também se apresentam como coletivo, apesar de o Roque Pense também ser produzido pela Terreiro de Ideias que é a produtora em que vocês trabalham, que é onde a gente está agora.

GM: Sim.

RS: Quem mais integra o coletivo, as pessoas também são aqui da região?

GM: Sim, os coletivos são muito itinerantes, hoje em dia somos eu, a Dani Francisco, que é aqui de Duque de Caxias, que é produtora cultural, ativista; Natalie Ribeiro, que é assistente social e também é ativista cultural; Lidi de Oliveira, que é uma militante que é também do meio cultural, feminista que é super ativa; a Juliana Grizolia e a Karla Oldane que também são produtoras culturais e hoje a gente tem a Letícia com a gente que também é produtora cultural, somos todas produtoras e todas nós, a maioria mora na Baixada ou tem uma ligação muito forte com a Baixada, trabalha aqui, já estudou aqui, então todas nós temos essa história com esse território. Hoje somos só mulheres, naturalmente a gente foi se consolidando como um coletivo só de mulheres, mas não é, assim, se amanhã entrar um homem é porque ele se integrou dessa forma, mas hoje somos só mulheres e o coletivo é um coletivo informal, a gente não pensa, em princípio, em se formalizar, ter CNPJ e tal. Então por isso a gente firmou uma parceria com a Terreiro de Ideias, que é uma empresa, uma produtora cultural que também tem uma história nos movimentos culturais aqui na Baixada Fluminense, é mais que uma empresa, atua juntamente aos grupos. E a gente fez essa parceria, eu trabalho aqui, a Dani Francisco é fundadora, criadora da Terreiro, então a gente juntou, a produção executiva do festival é feita pela Terreiro de Ideias, então isso é uma parceria de realização que está dentro da proposta tanto da produtora quanto do coletivo, que é de promover cultura na Baixada Fluminense

RS: Na sua vida pessoal como é que começou esse envolvimento com o feminismo, o interesse em discutir questões de gênero, como é que isso veio para além da sua... Porque o primeiro Roque Pense aconteceu em 2011.

GM: Isso, o circuito sim, o primeiro festival foi em 2012.

RS: Você tinha que idade nessa época, qual sua idade agora?

GM: Agora eu estou com trinta e quatro, na época eu tinha trinta e um, mas, assim, eu, assim, nasci num bairro muito pobre, longe do centro da cidade de Nova Iguaçu, que já é Baixada Fluminense. E eu não ia, assim, ficava ali no bairro e tal, e começava a ver aquela

galera do rock, Seattle, Grunge, Nirvana, e tal, e senti uma identidade, assim, porque eu não me adequava em nada do bairro. Aí quando eu tinha 16 anos que eu fui estudar no centro de Nova Iguaçu, e eu tinha dinheiro da passagem para poder ir para o centro, aí eu pensei, então eu vou para a praça do skate, que é um local ainda de encontro de jovens de cultura alternativa até hoje, porque não há espaços específicos até hoje, então o pessoal se encontra lá. Aí eu comecei a ir para lá e conhecer o rock'n'roll, o hip hop, os fanzines, comecei a ter essa identidade e circular na cultura urbana. Então eu saía, a galera ia andar de skate, eu ia também, só que eu não andava de skate, o pessoal ia grafitar e eu ia também, só que eu não grafitava, o pessoal ia tocar, eu ia, dar uma força como produtora, assim, desde nova, adolescente. Só que sempre era só eu de menina, as meninas que vinham, as amigas e tal, daqui a pouco elas sumiam, casavam, tinham filho, ou iam trabalhar, ou, ah não, entravam para a igreja, enfim, e sempre sobrava só eu. Então se eu queria produzir uma banda, era uma banda só de meninos, se tinha um encontro de grafite, quem estava grafitando eram só meninos, se tinha um campeonato de skate, raramente tinha um campeonato feminino, então sempre os meninos estavam numa posição protagonista. Só que como eu queria muito participar daquele universo, produzir, consumir, nem sempre eu estava ali na intenção de ser produtora, eu nunca sonhei com isso, estava ali para curtir um som, aí eu acabava me envolvendo, sempre gostei muito de escrever e começava a escrever fanzines, e tal, então foi uma coisa que não tem uma época que eu me defini feminista, eu acho que eu fui obrigada dentro do contexto da cultura urbana, em que só tinha meninos, então de alguma forma eu tinha que entender porque só tinha meninos, como me comportar, como me impor... Encarei vários bullyings por ter só eu de menina e tal. E com o tempo eu fui entendendo esses porquês, e aí eu acabei tendo que tomar atitudes para me colocar dentro de um universo masculino. Quando eu percebi que eu fazia um trabalho feminista já foi com 28 anos, quando eu fiz o "Grafiteiras Pela Lei Maria da Penha". Aí que eu, "poxa, é mesmo, eu faço umas coisas feministas", não teve, assim, eu não encontrei uma mulher feminista que me falou o que era o feminismo, eu não fui ler, não fui em lugar nenhum, quando eu percebi foi justamente por causa desse projeto, porque eu já participava de encontros de mulheres do hip hop, e tudo, até ouvia, enfim, debatia o feminismo, mas eu, assim, não falava "eu sou feminista", não tinha isso, era uma coisa natural, só tinha eu de menina, tinha um grupo de meninas se organizando, opa, vou ali. E aí quando surgiu esse projeto "Grafiteiras Pela Lei Maria da Penha" foi uma oportunidade que eu vi de juntar, pegar o trabalho que eu tinha com hip hop, com grafite, já uma atuação e vendo as garotas super organizadas e tal, uma discussão super legal de grafite e gênero, e eu já estava atuando, conhecendo a Lei Maria da Penha que era muito recente. Aí eu pensei, vou juntar uma coisa com a outra, e aí quando a gente realizou o projeto que aquilo deu muito certo e começou muito debate e tal, aí que eu percebi, nossa, sou feminista, eu já falava, sou feminista, mas é uma coisa natural, se tem só você de menina no meio de um monte de homem e você fica ali anos e enfrenta as coisas, supera ou não, e vai rolando as coisas, então logo você é feminista, porque você está ali lutando pelo seu direito e está construindo um caminho para outras, então eu só fui entender isso com 28 anos. Aí de lá para cá eu fui desenvolvendo um trabalho e outro e outro e me aprofundando, aí hoje eu já tenho uma clareza de que a minha trajetória já era feminista desde... Uma trajetória de luta, de conquista de direitos desde o início, assim, hoje eu tenho essa noção, antes não.

RS: Mas o Roque Pense é colocado como um festival antissexista, você já até me falou que na verdade é um festival feminista, mas existem alguns problemas de se anunciar como feminista para o grande público, Você podia me falar um pouco sobre essa escolha de chamar o festival de antissexista e falar um pouco da recepção do feminismo junto às jovens e aos jovens nessa cena da cultura urbana da Baixada?

GM: Então, o termo feminista, o feminismo, hoje em dia tem uma rejeição entre a juventude. Isso eu encaro muito naturalmente, porque ninguém fala o que é feminismo, isso não se ensina na escola, não tem um debate que alguma professora fala "gente, feminismo é a luta pelo direito das mulheres", ninguém fala nisso. Pelo contrário, a pessoa que é leiga e tal só tem contato com feminismo de forma muito estereotipada, vê na televisão "as mulheres seminuas lutando", ficam estereotipando isso. Então as pessoas não sabem o que é feminismo e o pior de não saber é que ainda estereotipam como uma coisa que é ruim, muito radical, que não tem nada a ver. Somado a isso tem uma ideia, uma falsa ideia de que a mulher já conquistou seu espaço, ainda mais a jovem, "ah, eu bebo, eu saio a hora que eu quiser, eu fico com quem eu quiser, com quantos eu quiser e tal", então tem uma ideia, assim, de que, ah, não precisa mais desse papo de machismo. Isso tudo somado dá uma rejeição. Quando a gente começou a debater, assim, na campanha e depois eu e Paulo Vitor para formar o fanzine, a gente foi muito em cima do conceito de educação não sexista. Então essa ideia de fazer cultura antissexista, que aí a gente - o não é uma coisa, "não", é meio negativa -, então antissexista é fazer um ambiente, ou um show de rock, ou um fanzine, uma sala de aula, ou uma festa, sei lá, qualquer coisa que não tenha sexismo, ausente, que aquele machismo sexista não esteja ali. Para isso estar, você tem que equilibrar. Um show de rock tem que ter menina em cima do palco, nem que seja uma, mas tem que ter, porque o habitual é as meninas em baixo segurando casaco de namorado que está tocando. Isso é muito comum, e assim, você entra, você vê, aquelas são as namoradas e aqueles os caras. Aí quando tem uma menina, às vezes aparece a festa de rock não sei o que, e bota uma menina lá de calcinha e tal, é um ambiente machista, não o rock, mas o mundo inteiro, então o rock vai refletir. Então a ideia de fazer cultura antissexista é, primeiro, fugir dessa rejeição e o segundo momento é colocar que a gente está tentando construir um ambiente, uma cultura, uma arte, um pensamento livre dessa discriminação. E isso tem dado muito certo, porque a princípio a palavra sexismo, antissexismo não é muito popular, conhecida, então a pessoa fica curiosa em saber o que é e tal, "ah, isso é coisa de feminista?", "não, isso é coisa para as mulheres participarem, se divertirem", o que é verdade, é para a mulher ir lá e se divertir, tomar cerveja, ver que tem outra mulher lá cantando, ou ela pensar, "ah, eu posso cantar também", ou dar uma força para a amiga, enfim, de uma coisinha a gente desencadeia esses processos. Então a ideia do antissexismo é você enfrentar essa rejeição e colocar essa ideia, assim, vamos fazer um show de rock, mas sem sexismo, sem aquela figura da garota segurando o casaco do namorado, tem que ter uma garota cantando, tocando para a gente se sentir mais recebida pelo ambiente.

RS: Na edição ao ano passado do festival a homenageada foi a Armanda Álvaro Alberto, uma educadora feminista que teve um papel importante aqui na Baixada na década de 1920, 1930, que inclusive inspirou outros movimentos culturais aqui na Baixada. Eu queria que você falasse um pouco da importância da figura dela - ela está

até na foto ali do cartaz -, falasse um pouco da figura dela e se tem outras, que outras figuras, mulheres são importantes, assim, inspiram vocês.

GM: Assim, essa coisa da homenagem foi muito sem querer, porque eu tinha um material, sempre gostei muito da história da Rosa Luxemburgo. E aí eu tinha um material, umas fotos dela e tal, e as nossas artes são feitas com fanzine mesmo, cortar a figura, colar e tirar uma cópia, e aí o Paulo Vitor fazendo tudo e tal pegou essa figura da Rosa Luxemburgo e fez, colocou ela no meio das meninas, uma pop arte que ele trabalha mais ou menos, e ficou a Rosa Luxemburgo, a gente fez um banner de três metros e aquilo foi tão... Foi sem querer, gente, a Rosa Luxemburgo no meio de um festival de rock com mulheres, sabe? É meio que para a gente colocar a história da luta das mulheres hoje em dia, que continua, e continua de outras formas, inclusive com o rock'n'roll. Então ela foi a primeira pessoa, figura que a gente homenageou só que não explorou muito, porque foi meio sem querer e tal. Já no segundo a gente parou para pensar quem a gente iria homenagear, e aí na conversa a Lidi trouxe a Armanda, a gente mesmo não conhecia, a Dani sim e tal, que ela é de [Duque de] Caxias, tem a história do [cineclube] Mate com Angu, a escola e tal, mas a gente não conhecia a fundo a história dela. E quando ela trouxe e tal, a gente viu o livro, a história dela, ela fez festival de música com mulheres, a escola dela tinha um transmissor de rádio, foi a primeira biblioteca da região, ela tinha uma atuação com cultura, com feminismo, e na Baixada Fluminense. Para a gente ela é uma das maiores feministas brasileiras, e não é muito conhecida. Então a gente criou uma identidade com a Armanda muito grande por ser da Baixada, por ter essa ligação com cultura, e acabou homenageando ela e linkando também no caso com a época das manifestações que estavam rolando no Brasil todo, então a gente queria falar de participação política da mulher, então para a gente não tinha uma pessoa mais representativa para a gente estar usando como referência do que a Armanda. E assim, a gente tem várias mulheres que são nossa referência, mulheres companheiras de luta, a Marlúcia Santos que é uma historiadora aqui de Duque de Caxias que trabalha a história da Baixada de uma forma que a gente sempre admirou, outras mulheres que são próximas da gente que a gente tem como referência, eu estou tentando lembrar algumas aqui, mas assim, a Armanda e a Rosa elas vêm de uma história, porque a gente quer associar a luta da mulher que hoje também é feita com rock'n'roll, que é o nosso caso, a gente usa o rock'n'roll para isso, e que dá no mesmo objetivo que elas. Mas também tem mulheres hoje que a gente... nesse próximo festival a gente vai estar trabalhando com uma que a gente sempre admirou o trabalho dela que é a Negahamburger, que é a Evelyn Queiroz que é uma artista visual de São Paulo e vai estar fazendo a arte do próximo festival, então com esses anos de festival a gente... A proposta é dar visibilidade também para mulheres que desenvolvem um trabalho nesse sentido, então a gente conheceu uma série de mulheres, assim, anônimas ou conhecidas que participaram significativamente do processo de construção do Roque Pense. Ano passado, por exemplo, a gente homenageou a Armanda, mas para nós um achado foi a Luana Nascimento. A Luana Nascimento é de Nova Iguaçu, da Baixada, vocalista de uma banda chamada *Visceral Leishmaniasis* que é uma banda de *trash metal*, e ela faz um vocal gutural, que eu não sei nem imitar, bem grave, assim, só que para você chegar naquele tom você tem que treinar muito, estudar, e tal, não é assim, sair cantando. E ela é super reconhecida entre esse meio, só que ninguém sabe quem ela é, é uma mulher negra que tem essa questão racial bem não muito debatida no rock'n'roll, assim, bem rara de se debater, da Baixada Fluminense, que faz uma coisa, assim,

super particular, maravilhosa, assim, e ela no show dela manda as pessoas, o povo: "faz a roda aí agora, cala a boca, está xingando ele, não sei o que", enfim, ela tem uma atitude, e para a gente ela também nos inspirou, apesar de não ser uma figura feminista, mas é uma garota que está num meio em que as propagandas dos shows de metal são mulheres de biquíni, e a garota tem que chegar ali e enfrentar tudo, "ah, isso é efeito, isso não é só voz", ela tem que provar que é a voz dela, de super talento e que não conta com o mesmo reconhecimento de que se fosse homem, isso é um fato. Então para nós essas meninas também, a Negahamburger, a Luana, a Marlúcia, a Rosa, a Armanda são mulheres que vêm participando do Roque Pense e vêm nos inspirando e participando também do processo de construção do próprio coletivo.

RS: Atualmente vocês estão desenvolvendo uma campanha chamada "Garotas, roque e novas ideias por uma Baixada sem violência", que tem como objetivo falar sobre violência doméstica na juventude, e vai culminar na terceira edição do festival que vai acontecer em março de 2015. Você pode falar um pouco de por que vocês escolheram esse tema para o próximo festival?

GM: Já no final do último festival a gente fez uma reunião de avaliação e tal, e a gente homenageou a Armanda, falou de participação política da mulher e tal. E a gente já tocou num fato que foi a divulgação do Dossiê Mulher do Instituto de Segurança Pública que também não é algo muito inédito, mas apontava Duque de Caxias e Nova Iguaçu como as cidades que mais registram, no topo da lista de cidades que mais registram casos de violência contra mulher. Os casos notificados que a gente conhece, o maior registro são nessas cidades, e aí a gente se viu obrigada a falar sobre violência doméstica. É no nosso território, por que aqui é o lugar que mais se registra casos? Então a gente já no ano passado, depois da publicação desse dossiê, a gente já definiu que o tema seria a violência de gênero, e tal. Logo em seguida, logo em seguida não, isso foi final do festival, e aí esse ano a gente firmou uma parceria com o Fundo ELAS, que fez um edital específico para violência doméstica, então a gente firmou essa parceria e começou a fazer uma pesquisa para montar essa temática. Com apoio do Fundo ELAS, com o apoio da Luciene Medeiros, que é uma pesquisadora daqui de Duque de Caxias, a Marlúcia Santos, a gente fez uma pesquisa e desenvolveu essa campanha, só que não esperou para começar no festival, a gente já começou desde já, fez um encontro, está fazendo uma campanha virtual na internet, para falar sobre violência doméstica na juventude, porque se muitas jovens não querem falar de machismo, de violência doméstica menos ainda. Porque a garota quando ouve falar em violência doméstica já pensa o quê? Um tiozinho, uma tiazinha que se agridem lá não sei aonde. Só que a gente sabe, a gente sabe, mas elas não, e muitas vezes os meninos também não, não sabem que regular o ir e vir da namorada é uma violência, não sabe o que é violência psicológica, crimes de "cyber vingança", uma coisa que hoje está super... Os garotos postam fotos e vídeos íntimos das garotas só que a sociedade toda julga a garota. Isso aí é uma coisa que acontece entre os jovens. Por exemplo, violência dentro do lar: a gente já teve casos em que o pai ou a mãe, mas a maioria das vezes é o pai, proíbe ela de ir para o rock, "você não vai para o rock, porque no rock é todo mundo drogado, marginal, não tem futuro, é coisa do demônio", tem uma coisa, assim, o pessoal mais religioso acha que tem alguma coisa a ver, "você não vai", proíbe. A gente teve até casos de garotas menores que disseram "meu pai não deixou e eu assisti em casa pelo streaming", a

gente ficou super feliz, porque esse não era o objetivo, a gente colocou o streaming para pessoas de longe assistirem ao festival, mas são as garotas que não podem sair, que o pai proíbe e elas assistem pela internet, a gente achou ótimo. Mas esse tipo de atitude que elas sofrem, por exemplo, uma coisa que eu vivi: a gente formava um grupo de amigas na Praça do Skate. Passava um tempo e elas sumiam, por quê?, Casou, "ah, eu casei então não dá para ir no rock mais". Mas por quê? "Porque agora eu sou casada, eu tive um filho e não tenho com quem deixar". Ué, mas seu marido vem, ele vem, eu encontro com ele. O casamento servil, que nem em outros países que compram a menina e tal, a menina está lá obrigada a casar para servir o cara. É a mesma coisa, e no rock'n'roll. Então a violência doméstica é uma coisa que está super presente só que as meninas, e os caras também não sabem o que é, isso não é discutido, não é debatido de uma forma e numa linguagem entre a turma deles, que forma a cultura e o comportamento deles. Então, se o Roque Pense está aí e é um festival, são quatro dias, é show, é visibilidade para as meninas, então a gente se sente acima de tudo obrigada a falar sobre problemas que atingem essas meninas, e esse ano a gente juntou todos esses elementos e está falando sobre violência doméstica que é algo urgente de ser debatido entre a juventude, porque se a gente não formar um comportamento, uma mentalidade não violenta desde cedo, o que eles vão reproduzir? E se a gente mesmo que se diz uma cultura contestadora, libertária, a gente é conivente, compactua com uma situação mesmo de violência, de um menina chegar num show e todo mundo assediar ela porque ela é a única menina e porque ela está ali deve ser para namorar alguém, nunca para tocar, para curtir um som, isso é uma situação violenta, então a gente se sente obrigado a não compactuar com isso, então a campanha vai por essas vias, a gente quer fazer vídeos... É uma campanha colaborativa, o festival tem patrocínio, mas a campanha não, então participa quem está a fim, a menina ou o menino que quiser fazer uma arte, quiser fazer um vídeo e tal. É bom que a gente também levanta o debate entre nós, assim, mas o que é violência doméstica, o que eu vou produzir?

RS: Você mencionou o Fundo ELAS que está patrocinando a edição do festival desse ano. O Roque Pense tem uma troca, um intercâmbio com outras ONGs, instituições feministas? Eu queria que você falasse um pouco, assim, de parceiros ou outras instituições que inspiram vocês ou mesmo outros coletivos da região ou não com que vocês estabelecem algum intercâmbio.

GM: O Fundo ELAS é algo que eu mesma, há muito tempo desde que surgiu eu tenho super admiração, sempre houve grupos muito bacanas trabalhando com elas, e esse ano a gente conseguiu firmar essa parceria e é uma troca ótima, porque elas investem mesmo na formação do movimento, do coletivo, isso foi super... Para a campanha, a gente participou do encontro, da capacitação e super pautou, embasou a nossa campanha. A ideia de educação não sexista eu descobri em uma cartilha da Camtra, Casa da Mulher Trabalhadora. Eu fui fazer um evento com elas de grafite, e tal, elas nos convidaram e aí eu peguei essa cartilha, assim, a gente trocou, fez uma oficina, então foi a partir da Camtra que essa questão do sexismo e tal me despertou. O Roque Pense em si, a gente tem uma troca muito grande com a rede de grupos culturais da Baixada Fluminense. Então feminista ou não, o Roque Pense cresceu a partir dessa rede, como a maioria dos coletivos aqui na Baixada. E a proposta do festival é abrir espaço para quem já faz esse trabalho. Então a gente teve inúmeras bandas que têm uma atuação, desde bandas até uma troca muito

bacana com o festival Mulheres no Volante, que é um festival feminista que acontece em Minas [Gerais], Brasília, São Paulo se não me engano, então são as meninas assim já pioneiras, que já fazem antes essa troca no rock'n'roll. Deixa eu lembrar mais... instituições, assim, a gente troca muito, por exemplo, a agência Patrícia Galvão, é algo que a gente se pauta direto nas discussões delas, apesar de nunca ter tido ainda a oportunidade de fazer algo junto. Esse ano, no próximo festival, por exemplo, a gente está convidando o coletivo de mulheres da Universidade Rural, que é um coletivo, eu esqueci o nome agora, mas é um coletivo de autodefesa, porque lá tem um índice de estupro muito grande no campus, então a gente está abrindo espaço para uma oficina de autodefesa. Então a gente tem essa proposta de abrir o espaço para quem já desenvolve alguma coisa. A revista *Hi Hat Girls*, que é uma revista só de bateristas mulheres brasileiras, a gente também já fez uma parceria bacana. A... não instituição, mas, por exemplo, a Mari Jane é uma skatista, uma atleta que foi vice campeã brasileira e tal, é da Baixada Fluminense. Aí eu cheguei para ela, já conhecendo a trajetória, eu propus que ela estivesse desde o início dentro do festival com o Girls em Ação, que hoje é um campeonato, uma competição feminina de skate independente, mas que acontece dentro do festival. Então essas parcerias são mais ou menos assim, a gente abre espaço e faz essa troca, independente de ser um apoio sob chancelas, de patrocínio ou não, existe essa troca dessa forma assim, tem outros também, mas eu não lembro agora, me fugiu.

RS: Tudo bem. Então, nos últimos anos a gente está vendo um crescimento do número de grupos de jovens mulheres que trabalham, inclusive se apresentam como feministas - essa categoria, "jovens feministas", é uma categoria que não era usada antes do ano 2000 e tem crescido muito, muito por conta de vários desses grupos que você está citando, coletivos que usam linguagens diferentes, o funk, o grafite e as artes urbanas em geral, para falar sobre feminismo cada um a seu modo. Como é que você vê esse momento, esse novo momento do feminismo no Brasil, sendo abraçado por mais jovens e através dessas novas linguagens?

GM: Assim, eu acho, tenho uma opinião bem de observação, que o feminismo tem um avanço muito rápido, apesar de um monte de coisas que a gente ainda tem que fazer, ele tem um avanço muito rápido. E aí, a forma como você atuava dez anos atrás, hoje é completamente diferente, isso às vezes dá uma dificuldade de comunicação para quem atuava antes e quem chega agora, porque quem chega agora às vezes não tem noção, às vezes não, não tem noção do que era o machismo há quinze anos atrás. Quinze anos atrás eu estava chegando na pista de skate, não tinha casais do mesmo sexo se beijando na praça, não tinha, não existia, quem era gay, assim, a gente ficava sabendo, não era assim. Isso há quinze anos atrás, é pouco tempo, então hoje já você chegar e ter uma atitude, falar de relação homoafetiva e tal é uma coisa muito diferente do que era pouco tempo atrás. Então eu acho que a comunicação geracional do feminismo, assim, é meio complicada porque o avanço é muito rápido, isso eu acredito até onde eu, na minha humilde opinião, eu vejo assim. E aí cria uns conflitos que eu acho que esse estereótipo de feminismo que falam, "radical", todo feminismo eu acho que é radical, você querer seu direito numa sociedade machista dessas tem que ser um pouco doida, aí, "ah não, porque esse feminismo radical eu não gosto", mas ela não sabe, ninguém ensinou a história do feminismo, não tem onde você aprender, só se você for buscar, aí você tem que encontrar um grupo que te receba, porque

também tem grupos muito particulares, tem o *riot*, tem as meninas do metal, que não se assumem feministas mas têm uma atitude diferenciada, tem a galera do hardcore, assim, dentro de cada segmento tem vários grupinhos, aí você tem que buscar ser recebida e tal. É um pouco complicado ainda por conta de que as pessoas no fundo, às vezes até essas meninas que se intitulam "ah, sou feminista", como elas não sabem da história, e isso não é culpa delas porque isso não está disponível mesmo e o que está disponível tem muita mentira, tem muito estereótipo e tal, acabam criando esses conflitos, que eu acho que é pura falta de informação. Porém hoje em dia está surgindo muitos grupos com novas linguagens também porque eu acho que é mais fácil hoje você se colocar, você, "ah, vou fazer um filme", é um pouco mais fácil, um pouco não, é bem mais fácil do que quando eu tinha dezesseis anos. Você pegar um computador, você se comunicar hoje é um pouco mais fácil, então você tem uma abertura maior, assim, de se colocar. Não quer dizer que o movimento é mais fácil de você tocar, eu acho que é a mesma dificuldade, você vai encontrar as mesmas dificuldades, vai encontrar o mesmo ambiente machista, mas hoje você se colocar, falar "eu sou feminista, eu não vou me depilar, eu não vou casar, eu não quero ter filhos", hoje você tem espaços construídos para isso que antigamente não tinha, então eu acho que isso facilita o surgimento de muitos movimentos, a única coisa mesmo que eu tenho preocupação é que esses movimentos se apropriem da história para não gerar esse nó e causar conflito em nós mesmos. Porque, ao mesmo tempo em que tem muitos grupos, esses mesmos grupos passam muito tempo em embate entre si. E às vezes eu vejo que é um embate em que elas estão falando a mesma coisa, é desnecessário, está perdendo tempo. O negócio é perder tempo, eu não gosto de perder tempo, gente, passa a discussão, vocês estão falando a mesma coisa e não sabem, eu acho que é por esse avanço que come um pouquinho da história, a pessoa fica sem informação, e aí fica meio naquele patrulhamento chato, "isso não é feminismo, não pode, isso pode", é chatice esse negócio de regra, regra já tem, e a gente colocar regra para a outra e tal... Mas eu fico assim, super feliz, que cada pesquisa do Roque Pense em que a gente vai nos lugares e vê, a gente vê e toda vez descobre... A Luana, ela se inscreveu, eu lembro, assim, até hoje a gente juntas aqui na salinha para ver as bandas, aí veio o vídeo da Luana e veio um cara tocando, e a gente, cadê a menina? Aí começou ela a cantar, só que não apareceu, a gente, é um cara ou a menina, tipo, apareceu a sapatilha dela, toda fofinha, assim, caraca, é a menina que está cantando, a gente descobriu uma garota que tem uma trajetória nessa pesquisa, e cada dia a gente descobre coisas mais incríveis: fanzineiras, artistas visuais e ativistas, ano passado, por exemplo, uma menina da IATEC deu oficina de áudio, porque são pouquíssimas mulheres na parte técnica, esse ano a empresa que a gente contratou, o diretor já consegui arrumar uma iluminadora e uma técnica, uma operadora de som, mulher, porque ele se sensibilizou: "não, vou arranjar duas mulheres maneiras", e é difícil até porque ele é bem exigente, é difícil encontrar, então eu só fico feliz de surgir grupos e cada dia mais grupos, isso quer dizer que nosso festival vai estar cada vez mais divertido, e cada dia vai aumentando, ano passado foi três dias, esse ano vão ser quatro para caber tudo, espero que cada ano seja mais um dia, mais um dia.

RS: Então para a gente encerrar, encaminhar aqui para o encerramento, eu queria pedir para você tentar localizar um pouco essa atuação do Roque Pense e a sua trajetória também na sua militância cultural feminista dentro do universo mais

amplo, assim, dos feminismos no Brasil e também internacional, assim, como você vê essa atuação dentro desse cenário tão múltiplo.

GM: Olha, o Roque Pense eu acho que ele é um... Não foi nada que eu ou o Paulo Vitor, a gente sentou e planejou. A gente criou, e hoje já é outro grupo, cheio de mulheres e tal, só que desde o início até hoje, eu acho que ele é a mesma coisa, é uma necessidade que nós mulheres e os homens que quiserem também, os homens em si não, mas muitos homens se interessaram por essa questão de colocar a mulher na pista, assim, para fazer coisas. Eu acho que o Roque Pense é uma necessidade de se colocar, eu acho que hoje não dá aquele papel de a garota ficar só indo no show e ver o cara tocar, eu acho que hoje ela tem vários fatores que a provocam a pensar "será que eu não posso tocar?" E o Roque Pense é um espaço que a gente criou para isso. Então eu acho que hoje as jovens, vamos dizer assim, as mulheres têm uma necessidade... como a mãe solteira, ela vai ter que se virar, ela vai ter que trabalhar, cuidar do filho, e tal, o cara meteu o pé, sumiu, então a necessidade que ela tem de se colocar no mundo. E cada vez mais a cultura vem nessa... Os jovens estão utilizando a cultura para se expressar no mundo, politicamente falando, e aí não é diferente com a mulher, porque na hora que ela quiser se expressar, colocar o que ela pensa, a primeira coisa que vai tocar ela é a questão do direito dela como mulher, o papel dela como mulher ali, ela vai questionar. Então eu acho que o Roque Pense é um desses espaços que surgem por causa da necessidade e é isso que a gente pretende ser sempre, um espaço para quem tem trabalho, quer fazer alguma coisa, se identifica, ou mesmo aquela garota que mora lá no fundo de Nova Iguaçu, de Caxias, de Belford Roxo, ela "ah, queria ir num rock", ela ir e se sentir recebida, eu acho que isso é tão importante e é cada vez uma necessidade maior da mulher se colocar, então eu acho que vai chegar um ponto em que nenhuma mulher mais vai ter paz se ela cumprir um papel de submissa. Acho que todas estão cada vez mais sendo obrigadas a - "não, não quero mais isso" - a romper com os padrões e se colocar, e aí a nossa forma de nos colocar é fazendo rock'n'roll. A nossa frase é "se eu não posso dançar, não é minha revolução", porque tem que ser maneiro, tem que ser legal, tem que ser divertido, tem que ser uma coisa que você gosta de fazer, que você ama, e tal, e isso é tão fácil com as meninas, e com os meninos também. Bota uma bateria, um som na rua e começa, só, só que a menina vai estar tocando, ou vai estar produzindo, a gente tem essa questão também da mulher dirigindo as produções, a mulher como protagonista e colocando a perspectiva dela, então eu acho que é isso aí: o Roque Pense é a necessidade que o mundo todo está sentindo de a mulher discutir o espaço e os papéis que ela ocupa.

RS: Então tá bom, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

GM: Não, eu acho que falei bastante.

RS: Então obrigada Giordana, a gente então encerra por aqui.